



## conversa

*Esta é a história de dois encontros singulares com Fernando Pessoa.*

*Um, italiano, comprou uma plaquete com o título Bureau de Tabac numa gare de comboios. Corriam os anos 60 e o jovem estudante viria a tornar-se o escritor Antonio Tabucchi. O outro, espanhol, comprou nos anos 50 as Odes de Ricardo Reis numa rua de Madrid. É o poeta Angel Crespo. Assim nasceram dois pessoanos*

# Um amigo português

Clara Ferreira Alves

**É** UM senhor magro, de olhar fino, preso ao horizonte por um fio. Tem óculos de aros dourados, um bigode ligeiro a arrebatar nas pontas, e uma inteligência rapidíssima e discreta. Todos lhe revelaram já que o escritor António Tabucchi se parecia com o fingidor Fernando Pessoa. Nada de espantos: conheceram-se há anos, muitos anos, numa gare de comboios. Podia ter sido num cais... desde então, fizeram sempre boa companhia um ao outro, e se Tabucchi deu Pessoa a muitos italianos, Pessoa deu a Tabucchi uma cumplicidade fiel. Desta relação íntima entre um italiano e um português fala alguém que de fútil, quotidiano e tributável, tem muito pouco...

### Na gare de Lyon

**EXPRESSO** — Com que idade é que, pela primeira vez, ouviu o nome de Pessoa?

**ANTÓNIO TABUCCHI** — Já não me lembro, passaram tantos anos. Eu sou velho sabe... sei que quando conheci o Pessoa não falava ainda uma palavra de português. Era um jovem estudante em Paris, em 63 ou 64, e ia regressar a Itália. Antes de apanhar o comboio na gare de Lyon, comprei numa banca uma «plaquete» que se chamava **Bureau de Tabac**, a Tabacaria se não me enganou traduzida por Pierre Hourcade. Fiquei impressionado.

**EXP.** — Quando se lê um poema de um desconhecido que nos impressiona, o que é que se faz a seguir? Vai-se à procura do poeta...

**A.T.** — Sim, a minha viagem a Portugal, dois anos depois, foi influenciada por essa descoberta. Estava nessa altura em Madrid, a estudar literatura espanhola, a preparar uma tese, e deu-me de repente um grande desejo de visitar Portugal. Tinha um pequeno carro, um Fiat 500, pus-me a caminho. Cheguei a Portugal, onde tive a oportunidade de conhecer logo pessoas, que ficaram amigos. Cheguei sem conhecer ninguém. Tive a sorte de encontrar um poeta, um romancista...

**EXP.** — ... Um era o Alexandre O'Neill...

**A.T.** — Sim, era ele.

**EXP.** — Estamos em Lisboa, você tem 23 anos. É Pessoa?

**A.T.** — Uma amiga minha dá-me de presente a colecção da Ática. Do Pessoa, na época, já tinha

saído muita coisa. Aprendi português e comecei, de facto, a ler o poeta com o qual só tinha tido um encontro no comboio. E a partir daí cresce a minha amizade —chamo-lhe amizade — com o Pessoa.

**EXP.** — Uma amizade e uma convivência tão antigas não fazem com que Pessoa tivesse ganho entretanto, um corpo, uma identidade física, aos seus olhos?

**A.T.** — Pessoa é um daqueles raros escritores que são também personagens de ficção. Quando o meu conhecimento com Pessoa já era muito forte, pensei que ele, que tinha criado tantas personagens, que como «personagens» se tinha proposto, podia também ser criado por mim. Eu podia apoderar-me dele e metê-lo dentro de uma novela, dentro do **Jogo do Reverso**.

**EXP.** — Que acumulação de atracções, de seduções, teve Pessoa ao longo dos anos?

**A.T.** — Primeiro pensei, só, que ele fosse um grande poeta. E bastaria! Depois apercebi-me que ele era um poeta especial, era mais um ficcionista, no sentido em que era o autor de um mundo ficcional e a sua poesia participava do romanesco. Nunca tinha encontrado um poeta que tivesse concebido uma obra poética como se fosse um romance, que tivesse uma obra

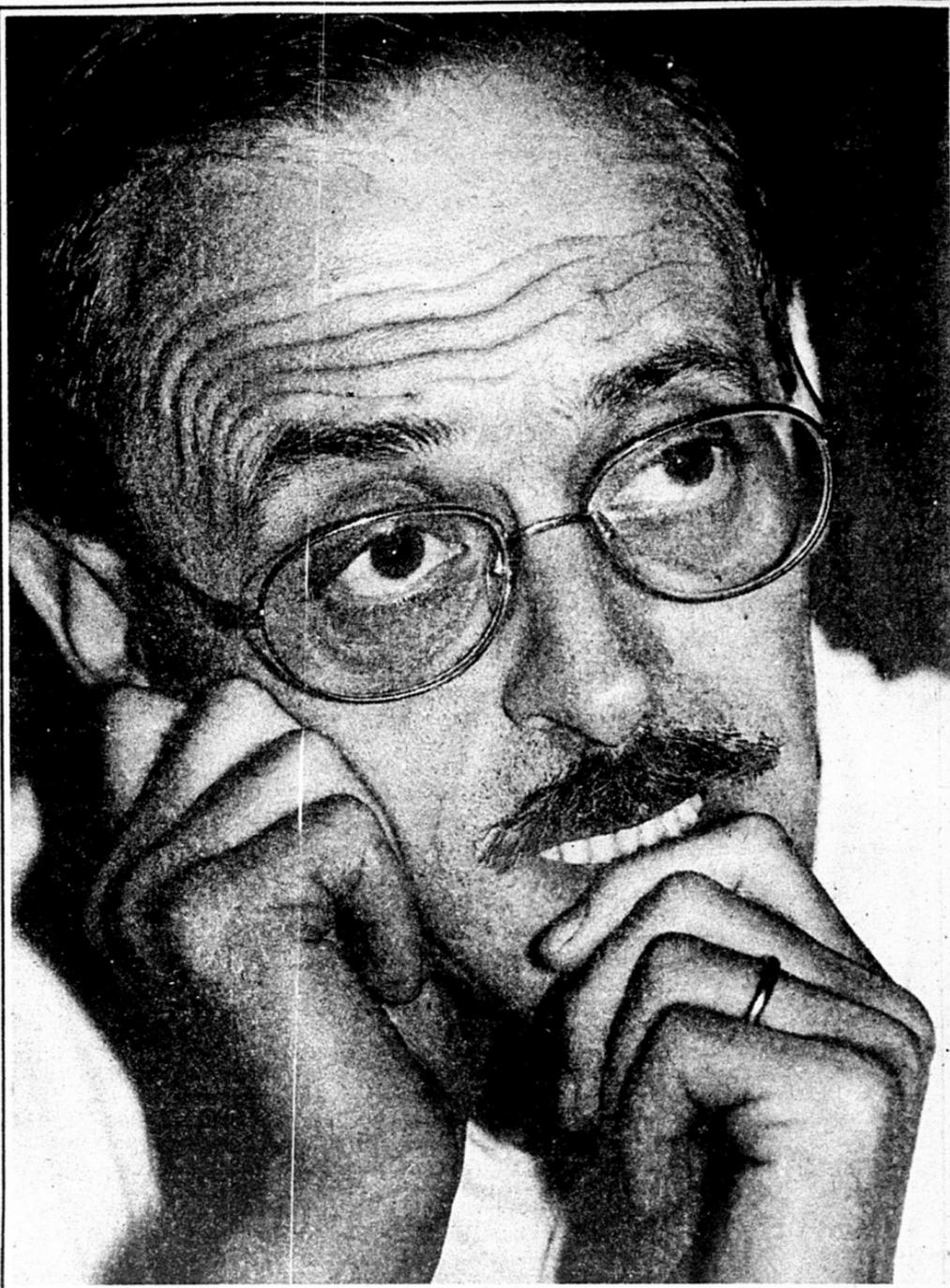
poética com confins tão movediços entre a poesia, o teatro e a ficção, sendo o seu conjunto um universo romanesco. E eu, como narrador, não resistia à sedução.

### A obra e a biografia

**EXP.** — E na biografia dele, o que é que o seduzia?

**A.T.** — Tenho uma teoria: ele faz parte de um grupo de escritores do século XX, um grupo de gente que vive como ele, que vive como o Pessoa. Gente para a qual a biografia conta menos do que a obra, e cito já o Kafka, o Joyce, o Svevo, o Beckett, cuja biografia é a obra que faz. Uma das definições mais inteligentes a este propósito é do Octavio Paz, que a Maria José de Lancastre citou na **Fotobiografia**: «Os poetas não têm biografia, a sua obra é a sua biografia.» E não referi o Montale, do meu país, grande poeta que me dizia de si mesmo: «De viver, há cinco por cento.» O que não é verdade, obviamente; é um jogo mais subtil que as aparências, implica uma dupla ficção. Estou convencido que toda esta gente viveu uma vida normal, às vezes intensa, embora tenha procurado esconder, ocultar uma vida pessoal em benefício de uma vida literária.

**EXP.** — Viajantes à volta do seu quarto, mui-



Luís Ramos

tos deles, ou viajantes dentro de si mesmos.

**A.T.** — Sim, dentro do quarto, mas quando descobrimos as cartas, os diários, descobrimos também a intensidade, os sentimentos, as ligações, as amizades, amores, ódios.

**EXP.** — Mas há em Pessoa uma solidão essencial. «Queriam-me casado, fútil, quotidiano e tributável...»

**A.T.** — Solidão intransponível. Nos outros também, mas nesse tal jogo de subtilidades eles preparam já a biografia, dão pinceladas na vida com a cor que escolheram, pinceladas de um quadro para os vindouros.

**EXP.** — O Pessoa baralhou muito as pistas.

**A.T.** — Faz parte do jogo. Deve haver qualquer coisa que o incomoda no olhar alheio. Não vou fazer psicanálise barata mas há nesse comportamento qualquer coisa a merecer uma análise freudiana. Não falo da obra mas do «modus vivendi». O olhar dos outros é incómodo, há em todos eles um pequeno complexo da perseguição, querem desaparecer, disfarçar-se, travestir-se. Travestir-se, aí está, chegámos ao verdadeiro coração do Pessoa.

**EXP.** — Um jogo de máscaras.

**A.T.** — Como é jogo de máscaras os cinco por cento do Montale, as faces de Kafka. Mas em Pessoa

o jogo de máscaras é levado quase à perfeição.

**EXP.** — Você, que conhece tão bem Portugal e os portugueses, e conhece tão bem Pessoa, acha que ele reflecte um temperamento português, se acaso existe um temperamento português?

**A.T.** — Acho que existe em Pessoa um forte temperamento português, que participa da sua natureza, que é introvertida, sonhadora, esquiva aos olhares. É difícil generalizar, mas acho que há povos que gostam de ser observados, de ser vistos, que se repare neles — os italianos, os franceses — e há os que gostam de passar despercebidos, como os portugueses.

**EXP.** — Você é italiano mas penso que detesta que olhem para si. O António Tabucchi escritor, tem uma ligação frágil com as solicitações da fama, vê-se que faz um esforço imenso para não perder o fio que o liga à realidade, às homenagens, aos obséquios. A sua atenção resulta da simpatia, não se oferece, não está disponível. Pessoa seria assim, penso...

**A.T.** — Gosto mais de observar, essa é a posição de privilégio que o escritor procura conquistar. Sem um ponto de observação o escritor não existe. Mas, infelizmente, a observação não se faz em sentido único. O escritor observa, observa, e a certa altura há quem comece também

a reparar nele, e começa o mal-estar.

### Um romance do século XX

**EXP.** — Há sempre identificação com os escritores que amamos. Você identifica-se com que Pessoa?

**A.T.** — Francamente, com o do Livro do Desassossego, que acho um curioso romance do século XX. É um romance que contém a dissolução do romance, a sua morte. Quando as últimas vanguardas clamaram, nos anos 60, que o romance tinha morrido ou ia morrer, a operação necrológica já estava completa através do diário de Bernardo Soares, daquela «rêverie», daquela insónia. É um romance quase sem acontecimentos, o acontecimento é a própria escrita. Também já estive — e ainda estou — ligado ao Álvaro de Campos, especialmente o Campos mais velho. O Campos não tem uma vida sincrónica, como os outros, que nasceram e morreram na cabeça do Pessoa quase ao mesmo tempo. O Campos acompanhou-o, teve uma vida, teve uns amores. Foi um «dandy» ocioso, em Lisboa, que andava troçando de si e dos outros, e seguiu um itinerário. Há um Campos que amadurece e há, por fim, um Campos velho, acompanhando a vida do



Tês olhares sobre Pessoa: o de Tabucchi, o de Tulio Pericoli, cartoonista italiano, e o de António, português...

seu criador. É nesta dia-cronia da personagem que lhe encontro o maior fascínio. Campos é o verdadeiro «alter ego», a sombra de Pessoa. Amo o Campos cínico, céptico, sem renunciar à sua metafísica, à metafísica que o perseguiu a vida inteira e da qual queria libertar-se.

**EXP. — Come chocolates... falemos da morte física de Pessoa. Morrer assim, é o corolário normal daquela vida? Pode-se imaginar outra morte?**

**A.T. —** É difícil imaginar como poderiam ter sido as mortes, as mortes que conhecemos. Para Flaubert não se poderia imaginar morte diferente da que teve, nem para Stendhal. Para Pessoa seria impossível imaginar uma morte mais perfeita, mais em pontas dos pés. Ele foi internado de urgência num hospital, ficou um dia, e no dia seguinte morreu. Na ficha clínica não consta uma razão da morte que seja elucidativa, porque uma crise hepática não quer dizer nada, qualquer pessoa pode ter uma e não morrer.

**EXP. — E a ligação fígado-álcool?**

**A.T. —** Talvez, talvez, mas a crise hepática do alcoólico não é uma crise cujo óbito se verifique num dia.

**EXP. — Podemos imaginar Pessoa velho?**

**A.T. —** Não é difícil. Ele teria aperfeiçoado certos traços e uma certa

maneira de ser que pertenciam à sua maturidade. E o Pessoa velho não seria muito diferente do Pessoa dos 46, 47 anos. Uma grande parte da sua obra já estava escrita, e imagino-o muitas vezes, mais velho, dedicado a ser um organizador do que já escrevera, e não como criador.

**EXP. — Pessoa tendo o trabalho que os outros tiveram, os encarregados de lhe arrumar a posteridade?**

**A.T. —** Sim, e fazendo ele mesmo o trabalho que outros têm feito com tanta dificuldade. E até dando indicações sobre a obra, quem sabe? A obra permanece misteriosa porque se sabe que há nela um desenho, uma vontade unificadora, e não conseguimos captar o sentido efectivo dessa unificação.

**EXP. — Em que sentido essa sistematização teria contribuído para modificar a posteridade de Pessoa? Afectar o mito?**

**A.T. —** Estaríamos agora em frente de um monstro, em frente de uma pessoa que conseguira fazer uma obra monstra. Teríamos um universo com os confins mais claros do que tem agora. Assim, a sua obra é um ponto de interrogação, é uma grande hipótese.

**EXP. — Pessoa tem as suas vítimas, desde aquele nadador português que se suicidou com um livro aberto de Álvaro de Campos até aos que estão**

possuídos pela sua figura, o seu fantasma, mesmo tratando-se de um fantasma literário. Você tem consciência desta vitimologia...

**A.T. —** É mais fácil ser vítima de um poeta do próprio país. Se ele pertencesse à minha literatura tudo seria pior, o peso seria maior, seria esmagador.

#### Um pacto

**EXP. — Há pouco falou em apoderar-se do poeta e metê-lo numa ficção, mas ele também se apoderou de si.**

**A.T. —** Claro, é um contrato, com um pacto mútuo. É como o inquilino e o senhorio. Durante muitos anos morei na casa de Pessoa, fui seu hóspede e frequentador. A certa altura achei que tinha chegado o momento de convidá-lo para minha casa e passei a ser o proprietário e ele a figura que deambula lá dentro.

**EXP. — Nota-se a sua extraordinária aparência física com Pessoa, todos já lhe devem ter dito.**

**A.T. —** Sempre existiu, sempre fui magro e com a cara comprida e desde miúdo usava óculos com aro atrás da orelha, porque partia muito os óculos. Quando cheguei a Portugal já tinha bigode. Depois, houve alguém que me disse: Aquele poeta de que tanto gosta, você parece-se com ele. Respon-di:

Que curioso, que curioso...

**EXP. —** Já reparou que se não tivesse tido aquele primeiro encontro no comboio, talvez toda a sua vida fosse diferente? Não teria vindo a Portugal, não teria casado com uma portuguesa, não seria hoje director do Instituto Italiano em Portugal... É como se a Tabacaria tivesse determinado a sua vida. É plausível dizer isto?

**A.T. —** Sim, é plausível porque é romanesco e eu gosto muito do romanesco. Acredito nas pequenas coisas que determinam as vidas, escrevi até uma série de contos que a Clara conhece... raramente somos os senhores das grandes escolhas. A nossa pobre vida de mortais é um rio que corre num leito de pequenas opções.

**EXP. — Disse que já não há grandes gestos, fala em pequenas opções. Há duas personagens literárias isoladas na mitologia romântica do escritor: o herói activo, mentiroso, combatente e aventureiro, tipo Hemingway; e o anti-herói: discreto, apagado, cinzento e ignorável, como Pessoa. Qual dos dois será o protagonista fundamental do século XX?**

**A.T. —** Vivemos numa época de anti-heróis. Basta avaliar os resultados literários. A grande personagem do século XX nunca poderia ser D'Annunzio, sobre o qual o

Álvaro de Campos tem uma frase muito dura no «Ultimatum». Não, a personagem fundamental é o aparente burguês, e aparentemente porque insatisfeito, inquieto. Sob o fato cinzento do empregado modesto esconde-se uma inquietação, inquietação revolucionária porque a vida o inquieta e ele inquieta a vida. O anti-herói torna-se um herói, recipiente das inquietações do século, sofrendo-as na pele. Assim se mantém acesa a chama da literatura, mesmo que o século XX não seja um século de tochas acessas que se passam de mão em mão. É um século de fósforos, minúscula chama a brilhar com uma luz forte.

**EXP. — Pessoa-poeta-da-decadência?**

**A.T. —** Diria mais: intérprete de uma época de decadência. Pessoa como uma grande antena captando o espírito da época: a decadência, o medo, a perda de valores. Se não bastassem os versos bastaria ler certas cartas ao Sá-Carneiro. Ou, por exemplo, Campos e a sua recusa das escolhas — as escolhas filosóficas, religiosas, ideológicas — tem um som contemporâneo! Parece quase um homem «del pensiero debole».

**EXP. — Pessoa e Lisboa. A luz branca, o Atlântico, os lugares que ele habitou e de certo modo assombrou. Poderemos compreender Pes-**

soa e Lisboa, como compreendemos Praga e Kafka?

**A.T. —** Sim, os grandes escritores conseguem metaforizar os lugares, e não vivê-los como «décor». Dão-lhes ressonâncias. A sua Lisboa é uma grande metáfora. De quê? Talvez de uma grande tabacaria com a porta aberta para o nada.

**EXP. — Escreveu uma entrevista imaginária a Pessoa, publicada no «Diário 16» e no «Il Manifesto». Faz-lhe perguntas sobre os amores.**

**A.T. —** Muito indiscretas. Fui ao Bernardo Soares e às Cartas à Ophélia para retirar as respostas e escolhi a frase «o amor é essencial, o sexo é um acidente». É assim que ele responde.

**EXP. — Se encontrasse Pessoa em pessoa como reagiria?**

**A.T. —** Compungido, diz-se assim em português? Não haveria meio de comunicar senão através do estilo que ele gostava e o estilo que ele gostava era de grande afastamento. Embora ele seja há tantos anos o meu amigo, o meu próximo...

#### Pessoa e James: a infelicidade

**EXP. — Se o génio da lâmpada lhe oferecesse 15 minutos à mesa do Martinho com Fernando Pes-**

(Continua na pág. 40-R)

(Continuação da pág. 39-R)

soa e um escritor à sua escolha?

**A.T.** — Eu estaria a ouvir, simplesmente, uma conversa entre Pessoa e Henry James. O James poderia estar em Lisboa a passar férias, como um inglês, e teria um encontro marcado com Pessoa. Tomam uma bica juntos, no Martinho. Na mesa ao lado, de costas voltadas, estou eu.

**EXP.** — E que conversa seria?

**A.T.** — Divertida, um bocadinho cáustica e sobretudo infeliz. Porque cada um está desesperadamente à procura da sua infelicidade, sem a conhecer bem. E falei agora em James porque tinha esgotado dentro de mim outro encontro, entre Pessoa e Pirandello. Pirandello esteve cá em 31 e não consta que se tenham encontrado. Escrevi uma coisinha sobre o encontro deles, e eles faziam-se uma mútua homenagem. Pessoa contava a Pirandello uma história à maneira de Pirandello, e esta história consta de um livrinho agora publicado em Itália chamado *Os Voláteis do Beato Angélico*. Pessoa conta a história portu-

# Coração de trevas

guesa de D. Pedro e Inês, e chama-se *O Amor de D. Pedro*. Uma bonita história sobre a loucura, que tanto obcecava Pirandello.

**EXP.** — Mas escreveu também uma peça: Chamam o sr. Pirandello ao Telefone...

**A.T.** — Sim, e tem a ver com o Pessoa. É um actor que tem de dar um recital num hospital psiquiátrico e escolhe para dizer poemas a figura de Pessoa. Veste-se à maneira de Pessoa, sobe ao palco e recita-lhe os versos. Mas como é um actor falido, medíocre, no fim da carreira, que só fez teatro de feira, ele fica cansado de recitar poemas que não percebe e começa a ter a ideia esquisita, quando o bigode começa a cair, a gabardine, o chapéu, de telefonar ao Pirandello. Porque o Pirandello perdeu a grande ocasião da sua vida ao não ter conhecido Pessoa. E ele, o actor, perdeu a ocasião da

sua vida ao não ter conhecido Pirandello, ele era o actor de que Pirandello precisava. A partir daqui, é um monólogo delirante.

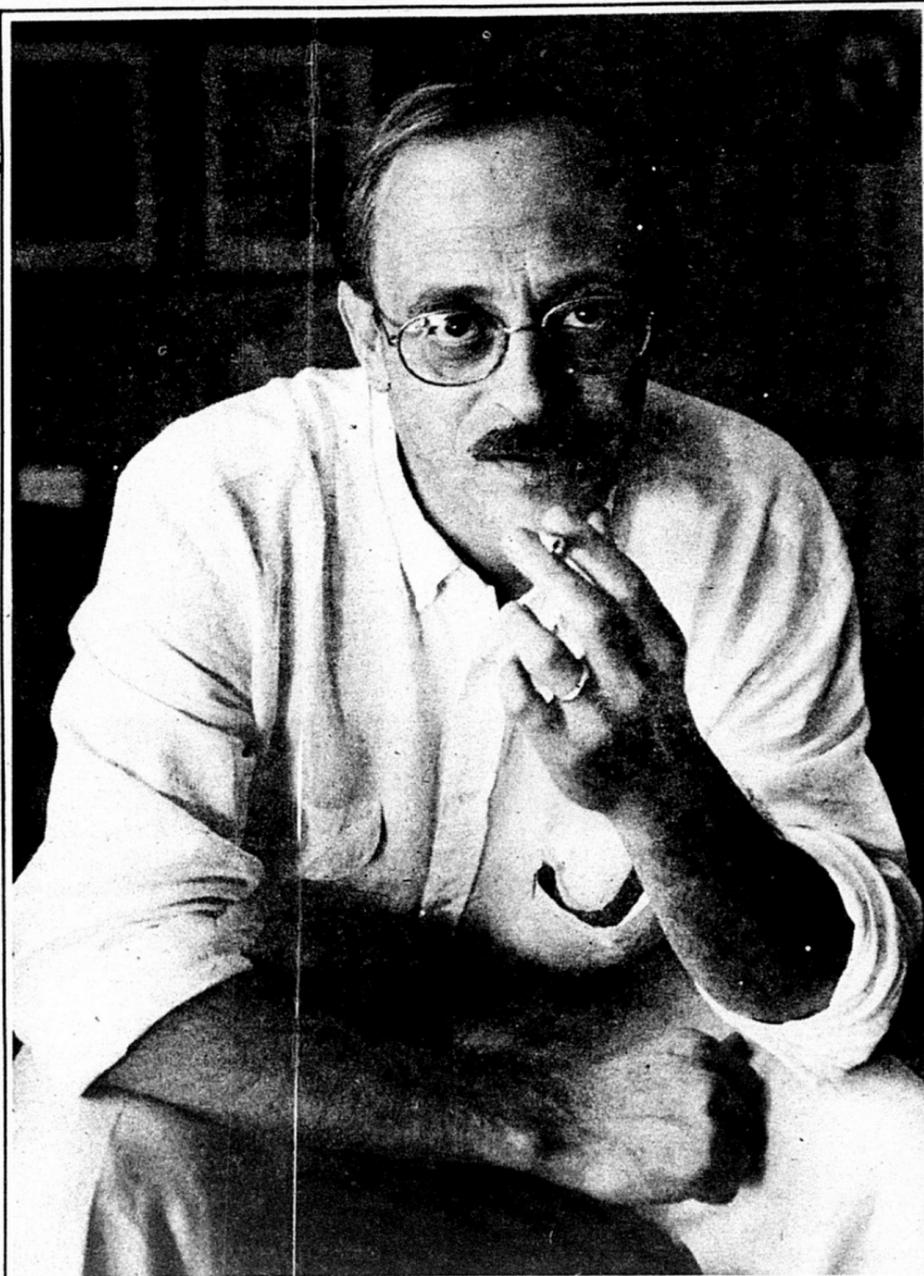
**EXP.** — Voltando atrás, a Pessoa e James. Que infelicidade é aquela?

**A.T.** — É mistério para mim, essa infelicidade é misteriosa, e talvez seja por isso que gosto tanto deles. Há um coração de trevas, um caroco negro. Uma infelicidade enorme. Talvez a de James seja mais difícil de dizer porque em Pessoa encontramos logo uma infância cancelada.

**EXP.** — A infelicidade e a pena. A pena de escrever, e a outra, a que se sente. Você também escreve com elas?

**A.T.** — Ninguém escreve sem pena, e não esclareço mais.

**EXP.** — Pequenos equívocos com importância...



«Existe em Pessoa um forte temperamento português, que participa da sua natureza, que é introvertida, sonhadora, esquivada aos olhares»

Luís Ramos



2.º CONCURSO DE PROJECTOS DE JOVENS PARA A CRIAÇÃO DE COOPERATIVAS

CONCURSO NACIONAL «Cooperativa - uma opção jovem de emprego»

#### SE TEM...

- entre 18 e 30 anos
- a sua situação face ao emprego por resolver
- um espírito dinâmico e empreendedor
- uma ideia susceptível de ser transformada num projecto de empresa viável

#### CONHECE...

- outros jovens em situação idêntica

Apresente o seu projecto até 15 de Dezembro de 1988

MAIS DE 5.000 CONTOS EM PRÉMIOS

#### INFORMAÇÕES:

Secretariado do Concurso, Instituto António Sérgio do Sector Cooperativo, R. D. Carlos Mascarenhas, 46-1 — 1000 Lisboa — Tel. 65 80 46 e R. Jorge Viterbo Ferreira, 12-1 Dto — 4000 Porto — Tel. 6 49 30, ou ainda em qualquer Centro de Emprego do IIEFP e Agências da Caixa Geral de Depósitos

INSTITUTO DO EMPREGO E FORMAÇÃO PROFISSIONAL

CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS

INSCOOP INSTITUTO ANTÓNIO SÉRGIO DO SECTOR COOPERATIVO

FUNDO DE APOIO AOS ORGANISMOS JUVENIS

FEDERAÇÃO NACIONAL DAS COOPERATIVAS DE PRODUTORES DE SERVIÇOS FCAL

FINCOOP FEDERAÇÃO NACIONAL DAS COOPERATIVAS DE PRODUÇÃO OPERÁRIA FCAL

IV/88 TRIPÓLIO

## FEIRA DO LIVRO

INSTITUTO CULTURAL DE MACAU

compre as edições do instituto cultural de macau no pavilhão do instituto de investigação científica tropical

Macau é uma obra da cultura. As mãos de dois povos a ergueram. Pedra a pedra. Escritores, investigadores, poetas, construíram-lhe a Memória. Deram-lhe a Alma. Página a página. O livro é emocionante. O livro continua. Nos livros, Macau perdura. Publicar é dar mais alma ao futuro. Página a página.

